

500 ANOS DE HISTÓRIA DAS MISERICÓRDIAS



CONGRESSO INTERNACIONAL

Atas

BRAGA . 2014



CONGRESSO INTERNACIONAL 500 ANOS DE HISTÓRIA DAS MISERICÓRDIAS



Atas

Coordenação
BERNARDO REIS

Braga . 2014

Título CONGRESSO INTERNACIONAL
500 ANOS DE HISTÓRIA DAS MISERICÓRDIAS . ATAS

Autor VÁRIOS

Coordenação BERNARDO REIS

Edição SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE BRAGA

Fotografias Sérgio Freitas

Tiragem 500 exemplares

Data de saída Setembro 2014

Capa Arranjo gráfico com tema do cartaz
do *Congresso Internacional 500 Anos de História das Misericórdias*
(des. Alexandra Esteves)

Preparação gráfica ULISSES_200

Impressão e acabamento Graficamares, Lda.
R. Parque Industrial Monte Rabadas, 10
4720-608 Prozelos - Amares

Depósito legal 380121/14

ISBN 978-972-96038-3-9



O Arcebispo D. Diogo de Sousa e a Misericórdia de Braga

The Archbishop D. Diogo de Sousa Braga and the Misericórdia of Braga

José Pedro Paiva

Universidade de Coimbra – Centro de História da Sociedade e da Cultura
lejpaiva@fl.uc.pt

Resumo

Quando foi fundada a Misericórdia bracarense? Que papel teria tido nesse processo o arcebispo D. Diogo de Sousa? Por que motivos um antístite como D. Diogo de Sousa poderia estar empenhado na fundação de uma Misericórdia em Braga? Esta pesquisa propõe possíveis soluções para estas questões, a partir de um conhecimento mais centrado na vida e obra do prelado do que em documentação da Misericórdia, que estudos anteriores já revelaram ser insuficiente para dar conta deste aspecto simbólico que constitui a data da erecção desta pentassecular instituição.

Palavras-chave: D. Diogo de Sousa, D. Manuel I, Misericórdia de Braga, Misericórdias

Abstract

When was founded the *Misericórdia* of Braga? What was the role played by the archbishop Diogo de Sousa on this process? Why an archbishop such as Diogo de Sousa could have been interested in creating a new *Misericórdia* in Braga? This research will try to scope all these questions using knowledge more related to the life of the prelate and the governance of the dioceses than with the scarce data collected in the records of the *Misericórdia*.

Keywords: D. Diogo de Sousa, D. Manuel I, *Misericórdia* of Braga, *Misericórdias*

Datar o nascimento de uma misericórdia não é fácil, sobretudo tratando-se de instituições erectas no reinado de D. Manuel I.

Foi esse, seguramente, o caso da de Braga. Todavia, quase não restam provas documentais originais dos anos iniciais da sua actividade. Os vestígios que permitem remontar mais no tempo são cópias tardias – de finais do século XVI e de 1626 –, para além de uma escritura de 1530, esta um original. É ela o documento que consente uma datação mais remota e inequívoca da Misericórdia bracarense.

Trata-se de uma escritura, datada de 4 de Maio de 1530, pela qual o arcebispo D. Diogo de Sousa estabeleceu os estatutos de uma capela que, em 1513, mandara fazer na catedral. A capela de Jesus da Misericórdia, e não de Nossa Senhora, que já então era a invocação mais comum das congéneres criadas por todo o reino desde 1498, fundada pelo referido arcebispo, destinava-se a “agasalhar” a irmandade da Misericórdia, a qual deve ter sido fundada pouco tempo antes¹. E a importância que o prelado lhe reservava é bem evidenciada pelo facto de que veio a ser também o seu mausoléu².

As outras cópias referidas aludem a privilégios que o rei *Venturoso* concedera à Misericórdia, benesses de que já usufruíam os irmãos da de Lisboa. Uma dessas concessões foi feita em 31 de Maio de 1514³.

É sabido que o rei costumava conceder estes privilégios pouco depois da criação da Misericórdia, para as estimular e ajudar a conservar. Se juntarmos isso ao facto de que, no ano anterior, o arcebispo ordenara a edificação de uma capela, porventura porque a recém criada irmandade nascera e não tinha local próprio para o culto, começamos a ter dados que assinalam que a Misericórdia deve ter sido fundada pouco antes. Se tivesse sido há muitos anos atrás, não faria sentido só em 1513 o arcebispo lhe ter dado a capela e no ano seguinte o rei ter outorgado os privilégios.

Estes são dados inequívocos. Creio, no entanto, que olhando com mais detalhe e atenção para a actividade dos arcebispos de Braga no reinado de D. Manuel I se podem colher outros indícios da maior utilidade para situar com mais precisão a fundação da Misericórdia. Ou seja, é preciso desviar o olhar da Misericórdia propriamente dita, como outros o têm feito, buscando em distintos contextos informações úteis.

¹ Arquivo Distrital de Braga (doravante ADB), *Gaveta das Capelas*, cx. 1, doc. 61, e cópia em ADB, *Registo Geral*, livro 332, fls. 349-351. O primeiro a referi-lo foi Ferreira, José Augusto – *Fastos episcopais da igreja primacial de Braga (séc. III – séc. XX)*, vol. 2, Famação, Tipografia Minerva, 1928-1935, pp. 377-380. O assunto voltou a ser novamente bem reconstituído em Castro, Maria de Fátima – “A Irmandade e Santa Casa da Misericórdia de Braga. Contributos para o conhecimento da data da sua fundação”, in *Revista Misericórdia de Braga*, 1, Braga, Santa Casa da Misericórdia de Braga, 2005, pp. 79-104, em especial p. 97. Vd. ainda Marques, José – “A acção pastoral de D. Diogo de Sousa”, in *D. Diogo de Sousa e o seu tempo. Actas*, Braga, Câmara Municipal de Braga / Faculdade de Teologia-Braga (UCP), 2006, pp. 197-198.

² Uma reprodução fotográfica do seu túmulo na referida capela pode ver-se em Capela, José Viriato e Araújo, Maria Marta Lobo de – *A Santa Casa da Misericórdia de Braga 1513-2013*, Braga, Santa Casa da Misericórdia de Braga, 2013, p. 23.

³ Cópia no ADB, *Fundo da Misericórdia*, livro 704.

Foi a este exercício analítico que procedi e sobre ele me aterei.

A primeira Misericórdia, a de Lisboa, foi criada em Agosto de 1498. Logo outras se lhe seguiram, na sequência de missiva que o monarca difundiu por várias vilas e cidades estimulando a sua criação⁴.

Até 1505, pelo menos, tal não deve ter sucedido em Braga. Porque não é admissível pensar que, numa cidade em que os arcebispos eram também senhores da urbe, nascesse uma nova fundação a pedido do rei, sem a intervenção do arcebispo. Ora, está solidamente demonstrado que, entre 1481 e 1505, os prelados raramente, ou nunca, lá residiram⁵.

D. Jorge da Costa, partira para Roma em inícios de 1499 e lá morreu em 1501⁶, tornando inconcebível que numa altura em que a fundação das primeiras misericórdias se estava a dar tivesse nascido uma em Braga.

Por outro lado, e sobretudo, porque D. Jorge da Costa, o poderoso cardeal de Alpedrinha, meio-irmão do anterior titular, que ascendeu ao cargo em Agosto de 1501, manteve nestes anos relações muito tensas com D. Manuel I, precisamente por causa da sua nomeação pelo papa para este cargo⁷. Numa cidade sem arcebispos residentes e com um deles em franca ruptura com o monarca não é de crer que fosse possível ter-se fundado uma Misericórdia, cuja génese era, por norma, impulsionada pelo poder secular, mas que não poderia nascer na cidade dos arcebispos sem o consentimento destes. Acresce que existe vária correspondência trocado entre o soberano e o cardeal e nela não há qualquer indício de referência à Misericórdia⁸, o que seria de estranhar se ela existisse, pois era uma instituição muito desejada e apoiada pelo monarca nestes anos.

⁴ Arquivo Histórico Municipal do Porto, *Livro antigo de Provisões*, fl. 46, publicada em Paiva, José Pedro (coordenação) – *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. 3: *A fundação das misericórdias: o reinado de D. Manuel I*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa / União das Misericórdias Portuguesas, 2004, p. 226.

⁵ Costa, Avelino de Jesus da – “D. Diogo de Sousa novo fundador de Braga e grande mecenas da cultura”, in *Homenagem à Arquidiocese Primaz nos 900 anos da dedicação da catedral*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1993, p. 43.

⁶ Almeida, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal*, vol. 1, Barcelos, Livraria Civilização Editora, 1968 (1.ª edição entre 1910-1928), p. 501.

⁷ Paiva, José Pedro – *Os bispos de Portugal e do império (1495-1777)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, pp. 38-42.

⁸ Sobre a relação do arcebispo com o monarca ver Mendonça, Manuela – *D. Jorge da Costa “Cardeal de Alpedrinha”*, Lisboa, Colibri, 1991, pp. 63-74.

Terá sido, portanto, após a chegada de novo prelado a Braga, no caso D. Diogo de Sousa, a qual ocorreu no dia 22 de Novembro de 1505⁹, que houve condições para a fundação da Misericórdia.

O percurso prévio do arcebispo consente admiti-lo. Por um lado, porque ele, antes de assumir a primaz bracarense, foi bispo do Porto, tendo apoiado a fundação da Misericórdia, existente, com alta probabilidade, desde 1499. De facto, D. Diogo de Sousa, favoreceu-a, pelo menos permitindo que se instalasse nas “claustras velhas da Sé, aonde a capella de Santiago, que nellas ouve, foy a primeira igreja da Misericordia”¹⁰. Não se deve deixar em claro que, também no Porto, foi ele a autorizar que a Misericórdia local se instalasse na catedral. Por outro lado, porque está bem comprovado o apreço e confiança mútuos entre o arcebispo e o rei¹¹. De tal forma que, quando D. Manuel I veio a falecer, em 1521, ele foi apontado como seu testamenteiro, e designado para o Conselho restrito que devia ajudar o príncipe D. João a governar no período subsequente ao falecimento do pai¹². Assim sendo, é natural que o antístite quisesse apoiar uma das linhas de governação na qual era evidente o empenho do monarca: a da criação de misericórdias e a reforma do que hoje se designaria por sistema hospitalar e de assistência. O impulso dado pelo soberano à erecção de misericórdias pode testemunhar-se com facilidade, ao constatar-se que, durante o seu reinado, foram fundadas pelo menos 77¹³.

⁹ Biblioteca Pública da Ajuda, *Sumario do que toca a vida do senhor arcebispo Dom Dioguo de Sousa...*, Ms. 50-V-29, fl. 48.

¹⁰ É o que se colhe do *Compromisso da Misericórdia do Porto de 1643*, publicado em Paiva, José Pedro (coordenação) – *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. 5: *Reforço da interferência régia e elitização: o governo dos Filipes*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa / União das Misericórdias Portuguesas, 2006, p. 224.

¹¹ Dias, José Sebastião da Silva – Braga e a cultura portuguesa do Renascimento. *Philosophica Conimbricensia. Revista de Filosofia e Cultura Portuguesa*. 1 (1972), pp. 14-15.

¹² Rego, António da Silva (ed.) – *As Gavetas da Torre do Tombo*, vol. VI, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967, pp. 133-137 e Buescu, Ana Isabel – *D. João III 1502-1557*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, pp. 98 e 124.

¹³ Paiva, José Pedro (coordenação) – *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. 3: *A fundação das Misericórdias: o reinado de D. Manuel I*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa / União das Misericórdias Portuguesas, 2004, pp. 357-384; Idem – *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. 4: *Crescimento e consolidação: de D. João III a 1580*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa / União das Misericórdias Portuguesas, 2005, p. 31; Idem – *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. 10 [no prelo]. Neste último volume apresentam-se dados referentes à erecção das misericórdias de Cochim e Benavente, ambas manuelinas.

Note-se, todavia, que não há indícios de que o prelado considerasse entre as suas prioridades, ao chegar a Braga, no final de 1505, a fundação de uma misericórdia. O melhor de todos é uma carta autógrafa do próprio, dirigida a D. João III, em Dezembro de 1532. Nela, relembrando o passado, explicitava que as primeiras iniciativas que o preocuparam ao chegar a Braga tinham sido a reforma dos mosteiros do arcebispado e a criação de um colégio para a formação do clero¹⁴. Por outro lado, apenas iniciada a prelatura, mandou convocar sínodo, logo em Dezembro de 1505, e ter-se-á empenhado na elaboração de novas constituições diocesanas, tarefas que, seguramente o mantiveram muito ocupado¹⁵. Dirigiu ainda a sua atenção para a realização de um cômputo da população da cidade e dos coutos do arcebispo, que estaria em curso já em 1506¹⁶. Com toda esta actividade, e existindo uma missiva dele para o rei D. João III em que o próprio prelado conta o que fizera ao chegar a Braga, sem mencionar a Misericórdia, não é de crer que ela existisse nesse período.

Nos anos imediatamente sucessivos, compulsando a documentação que resta da sua actividade, não se topam alusões à Misericórdia. Este acervo, aliás, refere algumas iniciativas do arcebispo que sugerem como, pelo menos até 1508, a Misericórdia de Braga ainda não existiria. Neste ano, ele instituiu o Hospital de S. Marcos, destinado, sobretudo, a peregrinos e a clérigos em trânsito, bem como a doentes, especialmente leprosos, o qual, mais tarde, veio a ser confiado à administração da Misericórdia local¹⁷. A medida, que reunia uma série de pequenas instituições e regulamentava o governo do Hospital, compaginava-se perfeitamente com política que a coroa vinha a prosseguir, desde o reinado de D. João II, reunindo numa única instituição uma série de pequenos hospitais, gafarias, confrarias e capelas que se revelavam ineficazes¹⁸. Quando terminou a reforma do Hospital de S. Marcos, em 1508, D. Diogo de Sousa entregou a sua administração à Câmara e não à Misericórdia¹⁹. Apesar de ser

¹⁴ Arquivo Nacional Torre do Tombo, *Corpo Cronológico*, parte 1, maço 50, doc. 63.

¹⁵ Ferreira, José Augusto – *Fastos...*, ed. cit., p. 368

¹⁶ Costa, Avelino de Jesus da – *D. Diogo de Sousa...*, ed. cit., doc. 1, pp. 56-59.

¹⁷ A carta de instituição e regimento do Hospital de S. Marcos, em cópia seiscentista, está publicada em Paiva, José Pedro (coordenação) – *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. 3: *A fundação das Misericórdias: o reinado de D. Manuel I*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa / União das Misericórdias Portuguesas, 2004, pp. 40-46.

¹⁸ *Vd. Sá, Isabel dos Guimarães – As Misericórdias Portuguesas de D. Manuel I a Pombal*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001, pp. 54-55.

¹⁹ Castro, Maria de Fátima – “D. Diogo de Sousa o reformador da assistência hospitalar em Braga”, in *D. Diogo de Sousa e o seu tempo*, ed. cit., p. 149.

certo que, nesta altura, as misericórdias ainda não tinham como objecto central da sua acção o apoio a peregrinos e o tratamento dos doentes, não pode deixar de se notar que, ao elencar as inúmeras instituições que na cidade de Braga tinham intervenção neste campo, e que agora o prelado congregava numa mais sólida, não se encontre qualquer referência à Misericórdia de Braga.

Registe-se ainda que, em 1509, já se tinham iniciado campanhas de obras ordenadas pelo antístite na Sé²⁰, precisamente o local onde, em 1513, como acima referido, se estabelecerá uma capela para a Misericórdia. Ora, se esta já fosse uma realidade em 1509, era expectável que, desde logo, o prelado a quisesse distinguir com um local de culto na catedral onde então promovia obras. Deduz-se, por consequência, que em 1509, pelo menos, ela ainda não deveria existir.

Entretanto, o antístite continuava preocupado em muitas outras frentes. Desejoso de aproveitar os benefícios da imprensa e visando uniformizar e estimular o culto, promoveu, respectivamente em 1511 e 1512, a edição de um novo breviário e de um missal²¹. E, nos anos de 1512-1513, investiu activamente na integração dos territórios de entre Minho e Lima na arquidiocese, os quais, até então, eram parte da diocese de Ceuta²². Eram, porventura, muitas actividades que não lhe permitiam atentar na questão da inexistência de uma Misericórdia na cidade.

As misericórdias, na sua generalidade, resultaram da vontade do monarca e da política de favorecimento que lhes concedeu. Mas a génese concreta de muitas, para além deste impulso vindo do centro político, necessitou do amparo e do estímulo de poderosos locais, entre os quais os bispos²³. É indiscutível, por exemplo, que foram os antístites locais os responsáveis principais pela fundação das de Miranda do Douro, nos meados do século, por D. Rodrigo de Carvalho, e da de Faro, nascida pela mão de D. Afonso Castelo Branco, em 1581²⁴.

²⁰ Bandeira, Miguel Melo – “D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga e a sua obra urbana 500 anos após a investidura”, in *D. Diogo de Sousa e o seu tempo*, ed. cit., p. 103-118.

²¹ Ferreira, José Augusto – *Fastos...*, ed. cit., p. 373.

²² Marques, José – “A acção pastoral de D. Diogo de Sousa”, art. cit., p. 205

²³ Paiva, José Pedro – “O movimento fundacional das Misericórdias (1498-1910)”, in *A solidariedade nos séculos: a confraternidade e as obras. Actas do I Congresso de História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Lisboa, Alêthea Editores, 2009, pp. 397-412.

²⁴ Ver, respectivamente, Paiva, José Pedro (coordenação) – *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. 5: *Reforço da interferência régia e elitização: o governo dos Filipes*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa / União das Misericórdias Portuguesas, 2006, pp. 378-379 e p. 251.

A de Braga, parece não suscitar dúvidas, foi fundada enquanto D. Diogo de Sousa foi seu arcebispo. Tanto mais que pouco antes de morrer, ao lavar o seu testamento, D. Diogo de Sousa nele fez constar que “ordenara” a confraria da Misericórdia, e a “fizera assentar e celebrar seus officios” na Capela de Jesus da Misericórdia, que “fundamos de novo”²⁵. Que motivos teria ele para impulsionar ou até determinar a criação de uma em Braga? Muitos.

Já se disse que o rei mandara fundar misericórdias em todas as cidades e vilas do reino. E isso pesava junto de certos bispos. Em Agosto de 1501, por exemplo, pouco após a fundação da Misericórdia de Coimbra, o bispo da diocese, D. Jorge de Almeida, escrevia carta onde declarava o seu apoio à instituição, na qual deixava claro que assim procedia por ela ter sido erecta “per ordenança e mandado del rey meu senhor”²⁶. De igual modo, já se assinalou que D. Diogo de Sousa tinha óptima relação com o monarca e que, enquanto bispo do Porto, teria apoiado o nascimento de uma misericórdia naquela cidade. Era pois congruente e expectável que, chegado a Braga, e constatando a inexistência de uma, tivesse ponderado consumá-la.

Tanto mais que o seu plano de governo visava transformar Braga numa distinta cidade. E disse-o, já depois de realizada boa parte da obra, em carta que escreveu a D. João III, no ano de 1524 – ao declinar convite que o jovem monarca lhe fizera para ser arcebispo de Lisboa – em termos, bem reveladores da sua formação humanista e da inspiração que para si constituíram as viagens à Itália da Renascença, que empreendera ao longo da vida. Comparando-se a Júlio César e às obras que aquele imperador fizera em Roma, declarava que César encontrara uma cidade de “ladrilho e a deixara de marmores; e eu achei esta de barro e sem templos nem gente nem edificios e agora a tenho facta asy em edeficios pubricos como privados com acrecentamento de muito povo e numero de mercadores e tracto e officiaees das milhores cousas do reyno. E quamto a esta See e edificios dela e asy prata e ornamentos que nela fiz e pus sey que estaa muy deferençada de totalas outras”²⁷.

Ora, o seu projecto urbanístico de uma grande Braga, numa época em que nos principais aglomerados urbanos do reino nasciam misericórdias que rapidamente estavam a ganhar enorme prestígio, não podia prescindir

²⁵ ADB, Fundo diocesano, *Gaveta dos Testamentos*, n.º 71, fl. 66, bem referido em Capela, José Viriato e Araújo, Maria Marta Lobo de – *A Santa Casa...*, ed. cit., p. 22.

²⁶ Paiva, José Pedro (coordenação) – *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. 3: *A fundação das Misericórdias: o reinado de D. Manuel I*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa / União das Misericórdias Portuguesas, 2004, pp. 36-37.

²⁷ Costa, Avelino de Jesus da – *D. Diogo de Sousa...*, ed. cit., doc. 10, pp. 70-72.

de uma Santa Casa. Braga não seria lustrosa sem ela. Por isso, entendo que ele se há-de ter empenhado seriamente na fundação de uma. Tanto mais que se sabe que a amparou com “continuas esmolos de hum certo ordenado cada anno”, como o lembravam o provedor e irmãos da Casa, ainda em 1542, já após a sua morte, ao pedirem ao rei que autorizasse a continuação daquela esmola episcopal num tempo em que a mitra arcebispal estava confiada ao seu filho natural D. Duarte²⁸. Além disso, no instrumento das suas derradeiras vontades, mandou que todas as esmolos recolhidas na capela fossem entregues à confraria da Misericórdia, que no dia do seu enterro se dessem 200 cruzados à Santa Casa, legando-lhe ainda 80.000 reais, o que revela bem o cariz do suporte que lhe quis dar²⁹. Além de que são conhecidas iniciativas de apoio que concedeu a outras misericórdias do arcebispado, como à de Viana da Foz do Lima e à de Freixo de Espada à Cinta, para dar apenas dois exemplos facilmente documentáveis³⁰, demonstrativos do seu empenho em apoiar este tipo de instituições.

D. Diogo de Sousa não terá consumado esta iniciativa, pelos motivos expostos, logo a partir de finais de 1505. Mas em 1513 a Misericórdia já existia e, os dados disponíveis, apontam para que ela não tivesse sido erecta muito antes. Seguramente não antes de 1508-1509. O mais certo é ter nascido em 1513 ou no ano anterior, o que justifica o lugar que o arcebispo lhe quis dar na Sé em 1513 e os privilégios com que D. Manuel I a distinguiu no ano seguinte.

Pelos motivos expostos, e em conclusão, não creio possam restar dúvidas. Uma misericórdia não poderia ter sido criada em Braga à revelia, ou com a oposição dos seus arcebispos e, D. Diogo de Sousa, tinha vários motivos para a desejar. Ele esteve, seguramente, por trás da sua fundação, com toda a probabilidade no ano de 1513 ou 1512.

²⁸ Paiva, José Pedro (coordenação) *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. 4: *Crescimento e consolidação: de D. João III a 1580*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa / União das Misericórdias Portuguesas, 2005, p. 392. Arquivo Nacional Torre do Tombo, *Corpo Cronológico*, parte 1, maço 72, doc. 143.

²⁹ ADB, Fundo diocesano, *Gaveta dos Testamentos*, n.º 71, fl. 66.

³⁰ Ver, respectivamente, Araújo, Maria Marta Lobo de – “A protecção dos arcebispos de Braga à Misericórdia de Viana da Foz do Lima (1527-1615)”, in Abreu, Laurinda (ed.) – *Igreja, caridade e assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVII)*, Lisboa, Colibri / CIDEHUS, 2004, pp. 251-252 e Pintado, Francisco António – *Santa Casa da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta*. [s.l.]. Santa Casa da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta, 2001, p. 33.

Bibliografia

- Abreu, Laurinda (ed.) – *Igreja, caridade e assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVII)*, Lisboa, Colibri / CIDEHUS, 2004.
- Almeida, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal*, vol. 1, Barcelos, Livraria Civilização Editora, 1968 (1.ª edição entre 1910-1928).
- Araújo, Maria Marta Lobo de – “A protecção dos arcebispos de Braga à Misericórdia de Viana da Foz do Lima (1527-1615)”, in Abreu, Laurinda (ed.) – *Igreja, caridade e assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVII)*, Lisboa, Colibri / CIDEHUS, 2004, pp. 251-252.
- Eandeira, Miguel Melo – “D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga e a sua obra urbano 500 anos após a investidura”, *D. Diogo de Sousa e o seu tempo. Actas*, Braga, Câmara Municipal de Braga / Faculdade de Teologia-Braga (UCP), 2006, pp. 103-118.
- Buescu, Ana Isabel – *D. João III 1502-1557*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.
- Capela, José Viriato e Araújo, Maria Marta Lobo de – *A Santa Casa da Misericórdia de Braga 1513-2013*, Braga, Santa Casa da Misericórdia de Braga, 2013.
- Castro, Maria de Fátima – “A Irmandade e Santa Casa da Misericórdia de Braga. Contributos para o conhecimento da data da sua fundação”, in *Revista Misericórdia de Braga*, 1, Braga, Santa Casa da Misericórdia de Braga, 2005, pp. 79-104.
- Castro, Maria de Fátima – “D. Diogo de Sousa o reformador da assistência hospitalar em Braga”, *D. Diogo de Sousa e o seu tempo. Actas*, Braga, Câmara Municipal de Braga / Faculdade de Teologia-Braga (UCP), 2006.
- Costa, Avelino de Jesus da – “D. Diogo de Sousa novo fundador de Braga e grande mecenas da cultura”, in *Homenagem à Arquidiocese Primaz nos 900 anos da dedicação da catedral*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1993.
- Dias, José Sebastião da Silva – “Braga e a cultura portuguesa do Renascimento”. *Philosophica Conimbricensis. Revista de Filosofia e Cultura Portuguesa*. 1 (1972), pp. 14-15.
- Ferreira, José Augusto – *Fastos episcopais da igreja primacial de Braga (séc. III – séc. XX)*, vol. 2, Famalicão, Tipografia Minerva, 1928-1935.
- Marques, José – “A acção pastoral de D. Diogo de Sousa”, in *D. Diogo de Sousa e o seu tempo. Actas*, Braga, Câmara Municipal de Braga / Faculdade de Teologia-Braga (UCP), 2006, pp. 197-198.
- Mendonça, Manuela – *D. Jorge da Costa “Cardeal de Alpedrinha”*, Lisboa, Colibri, 1991.
- Paiva, José Pedro (coordenação) – *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. 3: *A fundação das Misericórdias: o reinado de D. Manuel I*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa / União das Misericórdias Portuguesas, 2004.
- Paiva, José Pedro (coordenação) – *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. 4: *Crescimento e consolidação: de D. João III a 1580*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa / União das Misericórdias Portuguesas, 2005.
- Paiva, José Pedro (coordenação) – *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. 5: *Reforço da interferência régia e elitização: o governo dos Filipes*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa / União das Misericórdias Portuguesas, 2006.

- Paiva, José Pedro (coordenação) – *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. 10 [no prelo].
- Paiva, José Pedro – *Os bispos de Portugal e do império (1495-1777)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.
- Paiva, José Pedro – “O movimento fundacional das Misericórdias (1498-1910)”, in *A solidariedade nos séculos: a confraternidade e as obras. Actas do I Congresso de História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Lisboa, Alêthea Editores, 2009, pp. 397-412.
- Pintado, Francisco António – *Santa Casa da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta*. [s.l.]. Santa Casa da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta, 2001.
- Rego, António da Silva (ed.) – *As Gavetas da Torre do Tombo*, vol. VI, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967.
- Sá, Isabel dos Guimarães – *As Misericórdias Portuguesas de D. Manuel I a Pombal*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001, pp. 54-55.

Índice Geral

Apresentação.....	9
Programa.....	13
Comissões.....	17

SESSÃO SOLENE DE ABERTURA

Boas Vindas	23
BERNARDO REIS Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Braga	
Misericórdias, 500 Anos de Fé e Misericórdia	27
Frei Doutor VÍTOR MELÍCIAS, OFM Presidente Honorário das Misericórdias Portuguesas	
Discurso de JOSÉ MENDES	35
Vice-Reitor da Universidade do Minho	
Discurso de Ricardo Rio	39
Presidente do Município de Braga	
Discurso de MANUEL DE LEMOS	43
Presidente do Secretariado Nacional da União das Misericórdias Portuguesas	
Discurso de D. JORGE ORTIGA	47
Arcebispo Primaz de Braga	
Discurso de AGOSTINHO BRANQUINHO	51
Secretário de Estado da Solidariedade e da Segurança Social	

I Painel

AS ORIGENS DAS MISERICÓRDIAS

A Misericórdia de Braga e os Arcebispos da cidade na primeira metade do século XVI	57
MARIA MARTA LOBO DE ARAÚJO	
O Arcebispo D. Diogo de Sousa e a Misericórdia de Braga	79
JOSÉ PEDRO PAIVA	

II Painel

AS MISERICÓRDIAS NO ANTIGO REGIME

(PRIMEIRA PARTE)

A Misericórdia de Braga e a Sociedade Bracarense de Antigo Regime.....	91
JOSÉ V. CAPELA	
Misericórdias, rodas e hospitais: a herança do Antigo Regime.....	101
LAURINDA ABREU	
Os Mártires da Pátria e a Santa Casa da Misericórdia do Porto (1829-1878) ..	115
FRANCISCO RIBEIRO DA SILVA	

II Painel

AS MISERICÓRDIAS NO ANTIGO REGIME

(SEGUNDA PARTE)

Práticas de caridade numa Misericórdia quinhentista: os assistidos da Santa Casa de Viana da Foz do Lima na primeira metade do século XVI... ..	163
ANTÓNIO MAGALHÃES	
Caridade e justiça. Esmolados da Misericórdia de Sesimbra nos finais do Antigo Regime.....	181
MARIA DE FÁTIMA REIS	
Misericórdia de Braga na actividade creditícia (1750-1800).....	197
AURÉLIO DE OLIVEIRA	
Misericórdias. Património e Identidade	219
MARIANO CABAÇO	

III Painel

AS MISERICÓRDIAS NOS SÉCULOS XIX E XX

(PRIMEIRA PARTE)

As Misericórdias como palcos de luta partidária e instrumentos de domínio político (1834-1945)	239
MARIA ANTÓNIA LOPES	
A transferência da Corte e os impactos na Misericórdia do Rio de Janeiro (1808-1822)	259
RENATO FRANCO	

Na saúde e na doença: a ação do Hospital da Misericórdia de Viana do Castelo na centúria de oitocentos e nos inícios do século XX.	271
ALEXANDRA ESTEVES	

III Painel

AS MISERICÓRDIAS NOS SÉCULOS XIX E XX (SEGUNDA PARTE)

A Misericórdia da Póvoa de Lanhoso (1928-1950): uma instituição de assistência de mãos dadas com o poder político	301
JOSÉ ABÍLIO COELHO	
A Santa Casa de Misericórdia de São João del-Rei – 230 anos: assistência e devoção	333
SUELY CAMPOS FRANCO	
Valências da Misericórdia de Ponta Delgada no século XIX	349
SUSANA SERPA SILVA	

IV Painel

AS MISERICÓRDIAS: DESAFIOS NOS TEMPOS ATUAIS

Presença das Misericórdias no Oriente. dos Descobrimentos Portugueses à actualidade.	371
CECÍLIA JORGE	
Os Hospitais das Misericórdias. Situação actual e perspectivas futuras	385
HUMBERTO CARNEIRO	

V Painel

LANÇAMENTO DA EDIÇÃO DO LIVRO COMEMORATIVO DOS 500 ANOS DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE BRAGA

Introdução de BERNARDO REIS	399
Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Braga	
Apresentação do livro por MARIA MARTA LOBO DE ARAÚJO	401
Universidade do Minho	
Apresentação do livro por JOSÉ VIRIATO CAPELA	407
Universidade do Minho	

VI Painel

O DESENVOLVIMENTO REGIONAL E AS MISERICÓRDIAS

Intervenção de José Manuel Fernandes	411
Eurodeputado	
Intervenção de Manuel Castro Almeida	417
Secretário de Estado do Desenvolvimento Regional	
Intervenção de Manuel de Lemos	427
Presidente do Secretariado Nacional da União das Misericórdias Portuguesas	

SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO

Discurso de BERNARDO REIS	433
Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Braga	
Discurso de MANUEL DE LEMOS	441
Presidente do Secretariado Nacional da União das Misericórdias Portuguesas	
Discurso de António Brito	445
Presidente da Confederação Internacional das Misericórdias Deputado Federal do Congresso Nacional do Brasil	
Discurso de Manuel Ferreira Teixeira	451
Secretário de Estado da Saúde	
Discurso de Pedro Mota Soares	455
Ministro da Solidariedade, Emprego e Segurança Social	